



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma "antropografia" (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

De Cabo Verde a Salvador: A música e as estéticas negras femininas contemporâneas em toda sua potencialidade

Autoria: Roberta Filgueiras Mathias (IUPERJ), Fabiana Pereira da Silva - Mestranda(PPCULT- Programa de Cultura e Territorialidades/UFF)

O objetivo desse artigo é pensar a música contemporânea negra através da cantora portuguesa de origem cabo-verdiana Sara Tavares e da brasileira Luedji Luna. Ambas utilizam em sua obra multiplicidades de referências, mas sempre acompanhadas por uma ascendência (no caso de Tavares, cabo-verdiana), no caso de Luna (baiana). Ainda assim, nenhuma delas deixa de ser ?do mundo?, como o próprio nome do álbum de Luedji sugere, ao contrário, é a mistura que torna os works das duas tão atual. Ademais de traçar um paralelo entre as duas, pretendemos analisar as letras dos álbuns ?Um corpo no Mundo?(2017) no qual Luedji deixa clara suas referências africanas e baianas e ?Fitxadu?(também de 2017), álbum pelo qual a cantora portuguesa recebeu uma nomeação para o Grammy Latino. A riqueza das cantoras está exatamente em não abandonar suas origens e, ainda assim- talvez por isso, conseguir circular com sucesso por diversos espaços. ?Filingadu?, de Tavares e ?Banho de Folhas? de Luedji são exemplos dessa música extremamente conectada



às origens africanas, mas que se transfigura em uma atualização que revela múltiplas referências. Em suas músicas, além do próprio ritmo, da estética negra marcada nos clipes, da corporalidade há também a religiosidade (bem mais presente no algum de Luedji), mas há principalmente um movimento de renovação da musicalidade negra que podemos perceber através de outras cantoras (como Mayra Andrade- caboverdiana- ou Bia Ferreira- mineira). Dessa forma, a análise dos clipes das artistas será essencial para analisar essa estética em (re)construção. Em "Um Corpo no Mundo", música que dá nome ao álbum de Luedji, ela canta "Eu sou, um corpo, um ser, um corpo só Tem cor Tem corte Na história do meu lugar. Nessas estrofes da cantora há muito de sua mudança da Bahia para São Paulo e do sentimento de inadequação com que conviveu durante seus primeiros anos na cidade. Mas, há também uma lembrança dos atravessamentos, apagamentos e dores pelos quais os corpos negros foram submetidos em ocasião da escravização. As duas cantoras, cada qual a sua maneira, falam sobre a liberdade do corpo negro. Talvez a voz de Tavares seja mais sutil nesse sentido, mas está lá. As duas reclamam um espaço para a música, o corpo e a(s) estética(s) negras femininas e ,ainda que possuam suas diferenças, no estilo e nos versos há algo de transcendental que muito se assemelha. Talvez seja essa relação entre Portugal-Cabo Verde- Brasil.

[Trabalho completo](#)



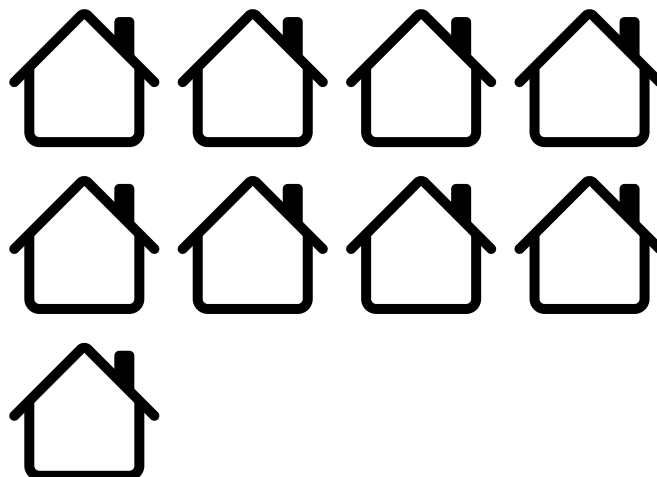
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: